



Cláudio Pondja- Director Geral

A INDEPENDÊNCIA ECONÓMICA DOS PRÓXIMOS 50 ANOS

O capital que temos e o desenvolvimento que precisamos de financiar

“Uma reflexão sobre literacia financeira, confiança, acesso ao mercado de capitais e os desafios para a democratização do investimento em Moçambique.”

Moçambique completou recentemente cinquenta anos de independência política e meio século depois impõe-se uma reflexão sobre a capacidade que temos de financiar o nosso próprio desenvolvimento, sobre o papel que o sistema financeiro poderá desempenhar na construção da economia dos próximos cinquenta anos.

O país possui um enorme potencial económico, recursos naturais, oportunidades de investimento e uma população jovem, contudo transformar esse potencial em crescimento sustentável exige mais do que identificar oportunidades, exige capital, instituições financeiras sólidas, empresas preparadas para receber investimento e mecanismos eficientes para canalizar os recursos disponíveis para os sectores produtivos.

Durante décadas, o sistema bancário tem desempenhado um papel central na mobilização da poupança e no financiamento da economia moçambicana. Os bancos comerciais continuam a ser fundamentais para o funcionamento das

o funcionamento das empresas, para a concessão de crédito, para a realização de pagamentos e para a intermediação financeira.

Mas, à medida que uma economia cresce e se torna mais complexa, as suas necessidades de financiamento também se diversificam.

Nem todos os projectos podem ser financiados adequadamente através do crédito bancário, sobretudo quando exigem volumes elevados de capital, prazos longos de maturação ou estruturas de financiamento mais flexíveis.

É precisamente neste contexto que o desenvolvimento do mercado de capitais ganha relevância.

O desafio de Moçambique não deve ser escolher entre o sistema bancário e o mercado de capitais, mas construir um sistema financeiro em que ambos se complementem e contribuam para financiar o crescimento económico.

O dinheiro para desenvolver Moçambique já existe

Quando se discute o financiamento do desenvolvimento nacional, a primeira preocupação costuma ser a necessidade de encontrar novos recursos financeiros, contudo importa reconhecer que uma parte do capital necessário para financiar a economia já se encontra dentro do próprio sistema financeiro nacional.

Existem poupanças de particulares, depósitos de empresas, recursos administrados por fundos de pensões, reservas das seguradoras e outros activos financeiros pertencentes a investidores institucionais, porém nem todos estes recursos estão imediatamente disponíveis para financiar projectos produtivos. Uma parte encontra-se comprometida com necessidades de liquidez, obrigações contratuais, exigências prudenciais ou investimentos já realizados, mas ainda assim, existe uma questão que merece reflexão: estaremos a utilizar da forma mais eficiente possível a capacidade de poupança e investimento existente na economia moçambicana?

O mercado de capitais oferece uma possibilidade complementar, ao permitir que empresas e outras entidades elegíveis tenham acesso directo a investidores, através da emissão de instrumentos financeiros adequados às suas necessidades, desta forma parte da poupança nacional pode ser canalizada para o financiamento de empresas, infraestruturas e projectos produtivos, cri-

ando novas oportunidades para investidores e emitentes.

O problema não é apenas encontrar dinheiro

O desenvolvimento económico exige financiamento, mas a disponibilidade de recursos financeiros, por si só, não garante crescimento.

É igualmente necessário assegurar que o capital seja direccionado para actividades economicamente viáveis, geradoras de valor e capazes de produzir resultados sustentáveis.

Uma economia pode apresentar níveis significativos de liquidez no sistema financeiro e, simultaneamente, enfrentar dificuldades de financiamento nos seus sectores produtivos, e esta aparente contradição resulta de vários factores, incluindo o perfil de risco dos projectos, a maturidade dos investimentos, a qualidade da informação financeira das empresas e a disponibilidade de instrumentos adequados para ligar investidores às necessidades de financiamento.

O que podemos aprender com os países da região?

Moçambique não precisa de procurar todas as referências de desenvolvimento do mercado de capitais fora do continente africano, a própria Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC)

apresenta experiências relevantes que demonstram como o sistema bancário e o mercado de capitais podem desenvolver-se de forma complementar.

A África do Sul constitui a referência regional mais evidente, com cerca de 280 empresas cotadas, e em 2024, a capitalização bolsista da África do Sul representava aproximadamente 246% do seu PIB, ou seja, o país desenvolveu um sistema financeiro diversificado, no qual os bancos comerciais coexistem com um mercado de capitais profundo, investidores institucionais de grande dimensão e empresas que recorrem aos mercados financeiros para captar recursos.

Precisamos também de empresas preparadas para o mercado

O desenvolvimento do mercado de capitais não depende apenas da existência de investidores com recursos disponíveis, depende igualmente da existência de empresas capazes de receber esses recursos de forma responsável.

Uma empresa que pretenda captar financiamento através do mercado de capitais precisa de demonstrar transparência, capacidade de gestão, qualidade da informação financeira e condições adequadas de governação. Os investidores precisam de compreender o negócio, avaliar os riscos e acompanhar o desempenho da entidade em que investem, por isso, o desenvolvimento do mercado de capitais deve ser acompanhado por um esforço de preparação das empresas moça-

mbicanas. Uma empresa organizada, transparente e financeiramente disciplinada encontra-se em melhores condições para negociar com bancos, atrair investidores e estabelecer parcerias estratégicas.

Neste domínio, as instituições financeiras, as sociedades de corretagem, os consultores financeiros e outros profissionais especializados podem desempenhar um papel importante na preparação das empresas para o acesso ao financiamento.

O próximo passo: transformar investidores em participantes da economia

O mercado de capitais também precisa de evoluir na forma como é compreendido pela população.

Durante muitos anos, a relação de grande parte dos cidadãos com o sistema financeiro esteve concentrada nos serviços bancários tradicionais, particularmente nas contas de depósito, nos pagamentos, na poupança e no crédito.

As acções representam uma participação no capital de uma empresa. Ao adquiri-las, o investidor torna-se accionista, podendo beneficiar da valorização dos títulos e, quando deliberada a distribuição de resultados, do recebimento de dividendos

As obrigações corporativas representam instrumentos de dívida emitidos por empresas para obter financiamento junto

de investidores. Através destes instrumentos, as empresas podem mobilizar recursos para financiar investimentos, expandir operações ou reorganizar a sua estrutura de financiamento.

O **papel comercial** constitui igualmente uma alternativa de financiamento empresarial, geralmente de curto prazo. Permite às empresas captar recursos para responder a necessidades de tesouraria e de financiamento das suas actividades correntes.

Por sua vez, os **Bilhetes do Tesouro** são instrumentos de dívida pública de curto prazo, emitidos pelo Estado, e as Obrigações do Tesouro representam instrumentos de dívida pública com maturidades geralmente mais longas, através dos quais o estado mobiliza financiamento junto dos investidores.

Estes instrumentos podem contribuir para a gestão das necessidades de financiamento público e privado, embora o acesso destes instrumentos pelos investidores exige que hajam programas de literacia financeira, acesso a informação credível e um acompanhamento por profissionais devidamente habilitados.

